DOI: https://doi.org/10.12957/redoc.2024.77422

ReDoC Revista Docência e Cibercultura

SONS REVERBERANTES: CONVERSAS E FILMES EM TESSITURA NA CRIAÇÃO DE ´CONHECIMENTOSSIGNIFICAÇÕES'

REVERBERATING SOUNDS: CONVERSATIONS AND FILMS IN THE CREATION OF 'KNOWLEDGE-MEANINGS

SONIDOS REVERBERANTES: CONVERSACIONES Y PELÍCULAS EN LA CREACIÓN DE 'CONOCIMIENTOS-SIGNIFICADOS'

Marcelo Machado[1]
Maria Cecilia Castro [2]
Renata Rocha[3]
Thamy Lobo[4]

RESUMO
O presente texto apresenta um dos aspectos relevantes das nossas pesquisas nos/dos/com os cotidianos escolares: os sons. Entendemos esses sons como potencializadores dos processos formativos e de *'aprendizagemensino'* e que contribuem, sendo parte fundamental, na criação de *'conhecimentossignificações'* diversos. Apresentamos os filmes, como artefatos culturais e tecnológicos, que quando perpassam o *'dentrofora'* das escolas se tornam artefatos curriculares fundamentais no processo de formação *'docentediscente'*. Os sons dos filmes, os sons das conversas, os sons das narrativas (e muitos outros!) são ondas que evocam muitos sentidos e que se tornam necessárias e fundamentais entendermos e valorizarmos esses processos na formação dos sujeitos. Para essa conversa, trazemos o filme "Um conto chinês", da Argentina, do ano de 2011, para tecermos algumas discussões acerca da importância dos sons no filme e na educação de modo mais ampliado.

PALAVRAS-CHAVE: Cotidianos. Cineconversas. Sons.

ABSTRACT
This text presents one of the relevant aspects of our research in/of/with the daily school routines: the sounds. We understand these sounds as enhancers of the formative processes and of 'learningteaching' and that contribute, being a fundamental part, in the creation of diverse 'knowledgessignifications'. We present the films as cultural and technological artifacts, which when they go through the 'inside' of the schools become fundamental curricular artifacts in the process of 'teacher-student' training. The sounds of movies, the sounds of conversations, the sounds of narratives (and many others!). They are waves that evoke many senses and that become necessary and fundamental to understand and value these processes in the formation of the subjects. For this conversation, we

Submetido em: 30/07/2023 Aceito em: 11/01/2023 Publicado em: 12/01/2024

[1] Doutor em Educação pelo Proped/UERJ; Professor do Estado do Rio de Janeiro.
[2] Doutora em Educação pelo Proped/UERJ; Professora do Colégio Universitário Geraldo Reis (Coluni-UFF).
[3] Renata Rocha, doutoranda PPGEDU/UERJ, professora na Prefeitura Municipal de São Gonçalo.
[4] Doutoranda em educação pelo Proped/UERJ; Professora do ensino público do Munícipio do Rio de Janeiro.

DOI: https://doi.org/10.12957/redoc.2024.77422

bring the film "Chinese Take-Away", from Argentina, from the year 2011, to be able to weave some discussions about the importance of sounds in the film and in education in a broader way.

KEYWORDS: Everyday life. Cineconversations. Sounds.

RESUMEN

Este texto presenta uno de los aspectos relevantes de nuestra investigación en/de/con la cotidianidad escolar: los sonidos. Entendemos que estos sonidos potencian los procesos formativos y de "aprendizaje-enseñanza" y que contribuyen, siendo parte fundamental, en la creación de diversos "conocimientos y significados". Presentamos las películas como artefactos culturales y tecnológicos que, cuando permean el "interior" de las escuelas, se convierten en artefactos curriculares fundamentales en el proceso de formación "profesor-estudiante". Los sonidos de las películas, los sonidos de las conversaciones, los sonidos de las narrativas (¡y muchos otros!) son ondas que evocan muchos sentidos y hacen necesario y fundamental que comprendamos y valoremos estos procesos en la formación de los sujetos. Para esta conversación traemos la película "Un cuento chino", de Argentina, de 2011, para que podamos tener algunas discusiones sobre la importancia de los sonidos en el cine y en la educación en un sentido más amplio.

PALABRAS CLAVE: La vida cotidiana. Cineconversaciones. Sonidos.

INTRODUÇÃO

Alves (2010), já no início da última década, indicava a potência dos usos das mídias na formação de professores em uma compreensão para além dos processos de regulação e controle. Assim como a autora, compreendemos essa formação "em qualquer situação como sempre continuada" (p. 1196). Diante disso, os "usos" das mídias, apontado pela autora, apresentava-se como uma possibilidade aos processos de formação de professores que eram implantados nos governos da época:

> A ideia de que a formação se dá em múltiplos contextos permite que percebamos que ela não é nem simples, nem de fácil transformação. Dessa maneira, o tratamento aligeirado que, em geral, vem recebendo nas políticas de governo explica, em grande parte, os constantes insucessos das ações tentadas (Alves, 2010, p. 1197).

Ainda que tal apontamento represente uma oposição aos processos formativos "aligeirados", a autora, já articulava os usos de artefatos culturais, dentre eles os filmes, transformando-os em artefatos curriculares em suas pesquisas. Entendendo também que os usos de outras mídias seriam ainda mais necessários com o passar do tempo, bem como a ampliação que tais mídias poderiam dar às pesquisas feitas, fazendo circular os *'conhecimentossignificações'*[5] criados nos movimentos das pesquisas com os cotidianos.

[5] As dicotomias foram criadas como necessidade no surgimento das ciências na Modernidade. Hoje, nas pesquisas com os cotidianos, elas significam limites ao que precisamos '*fazerpensar'*, com os processos que desenvolvemos. Com isso, decidimos grafar juntos, em itálico e com aspas simples os termos que antes eram dicotomizados (por exemplo, 'práticateoria'), bem como os processos que antes pensávamos como sucessivos e que sabemos que são

DOI: https://doi.org/10.12957/redoc.2024.77422

Outra compreensão importante é a de que não existe uma divisão entre acontecimentos dentro e fora das escolas. Ao contrário, as aprendizagens e outras questões diversas que os estudantes e demais profissionais da educação apresentam, e que de imediato pode não parecer de competência da escola (e algumas vezes não é), surgem nesses *'espaçostempos'* e estão implicadas nos processos de *'aprendizagensensinos'* e/ou relações sociais estabelecidas no contexto da escola, logo *'dentrofora'* como cita a autora.

> os muros das escolas são meras criações imaginárias, mas não indicam o que existe, no que se refere às relações entre as múltiplas e diversas redes educativas e as escolas precisamos compreender que vivemos todos *dentrofora* das escolas e que o que é *aprendidoensinado* nas tantas redes de conhecimentos e significações em que vivemos entra em todos os contextos, porque encarnado em nós (Alves, 2010, p. 1197).

Por conta dessa compreensão, e com ajuda de artefatos, foi possível seguir no/com os movimentos das pesquisas com os cotidianos e nas artes de fazer, durante o período de isolamento social oriundo da pandemia. Movimentos que incluem a criação de artefatos culturais: livros, podcasts e filmes a partir de artefatos culturais. Esses movimentos também são políticos – haja vista que fazer e pesquisar educação, em contextos extremamente adversos, já é por si só político. Essa urgência pedagógica motivada pelos processos necessários para a retomada da educação na pandemia, possibilitou-nos perceber a relevância do(s) som/sons para os processos formativos *'docentesdiscentes'*.

No limiar de desburocratizar certos modelos de *'aprendizagensensinos'* e de criar novas formas de *'fazerpensar'* educação, nos debruçamos a *'sentirpensar'* como somos atravessados por múltiplas e diferentes experiências sonoras em nossas *'práticasteoriaspráticas'* cotidianas. Neste texto, elencamos a necessidade de pensarmos acerca dos sons dos filmes, dos sons das conversas provocadas após *'vermosouvirmossentirmospensarmos'* estes filmes e os sons das autonarrativas, momentos pessoais que surgem a partir destes encontros. São vivências intrínsecas, mas que resolvemos nomear como ondas sonoras, para melhor entender os efeitos causados em seus *'praticantespensantes'*.

Dessa maneira, surge nossa preocupação em entender que os sons, muitas vezes, atravessam nossos sentidos ressignificando nossas afecções e vivências. Em uma sociedade, que muitas vezes, se sente impactada ou provocada de forma imagética, buscamos compreender o que os sons nos sugerem, nos ensinam e nos auxiliam em nossos processos de criar *'conhecimentossignificações'*.

concomitantes (por exemplo, 'verouvirsentirpensar'), para nos lembrarmos das marcas que temos de nossa formação em 'espaçostempos' de hegemonias diversas.

DOI: https://doi.org/10.12957/redoc.2024.77422

Com esses acontecimentos (Sousa Dias, 2012) podemos retomar a ideia inicial deste texto, com a compreensão que Alves (2010), tem das políticas nas pesquisas com os cotidianos, quando ela diz que políticas são "práticas coletivas" e que a formação de professores ocorre nesses múltiplos contextos e ainda com a prática de produção e "usos" de mídias (Alves, 2010, p.1196), entendendo ainda "ser necessário que pensemos o diálogo entre os "praticantes" (Certeau, 1994) que "fazem" os vários contextos da formação" (p.1196), levando-os a discutir a repercussão das políticas nos cotidianos de atuação.

Essas conversas tecidas nesses encontros após *'verouvirsentirpensar'* com os filmes, trazem experiências múltiplas, surgindo diversas temáticas em sons, nos possibilitando pensar a política nos/com os cotidianos. Entendemos essas conversas como modo de organizar *táticas* (Certeau, 2014) de enfrentamento à aniquilação da democracia que se ensaiava. Era preciso formar docentes também para o enfrentamento a discursos neoliberais conservadores que colocavam em xeque a ideia do Estado democrático de direitos e da própria educação democrática e popular.

Neste cenário, fazemos 'usos' da potência do falso (Deleuze e Guattari) como um elemento imprescindível na formação de múltiplos saberes. Camadas de sons (dos filmes, dos risos - gerados pelas emoções! - das conversas, das narrativas…) reverberam em nossos encontros como verdadeiras potências criadoras de *'conhecimentossiginificações'*. A seguir uma referência acerca daquilo que entendemos ser vital em nossas *'práticasteorias'* e metodologias com os cotidianos escolares:

> As fabulações e criações acerca das ficções, qual seria a diferença entre uma coisa e outra: fabulações e ficções? O que essas coisas, dispositivos, linguagens, tecnologias podem gerar de possibilidades de *aprenderensinar* nos nossos cotidianos curriculares?
>
> Fabular vem de fábula, que etimologicamente tem sua raiz no latim *fabŭla,* que é a conversação, a fala, maneiras e gestos de contar histórias ou mesmo criá-las. Por outro lado, ou do mesmo lado, ou de lado nenhum, temos a ficção, histórias *mentirosas, falsas,* que não existem, estão fora da realidade, podemos dizer que é uma narrativa imaginária, irreal.
>
> Mas o que é real no contexto da vida?
>
> Deleuze e Guattari (1993), ao conversar com Nietzsche, enquanto seu personagem conceitual, acerca da potência do falso, nos provoca a sentir e a pensar que a realidade não existe. Aquilo que supomos ser real, está num universo de criação de possibilidades, que envolve nossos processos constantes de subjetivação e a potência de nossa imaginação, enquanto criadores de realidades. Para Nietzche, a potência do falso está na ruptura de um Deus criador onipotente, revelando que a criação do mundo e tudo que nele se faz, vem da potência do desejo humano, então, Deleuze e Guattari, vão perceber essa potência do falso que Nietzche cria na ruptura com Deus, como a própria potência da vontade, do desejo e da criação de ficção, fabulações na potência do falso. (...) (CAVALCANTI *et al*, 2022 p. 353 e 354)

DOI: https://doi.org/10.12957/redoc.2024.77422

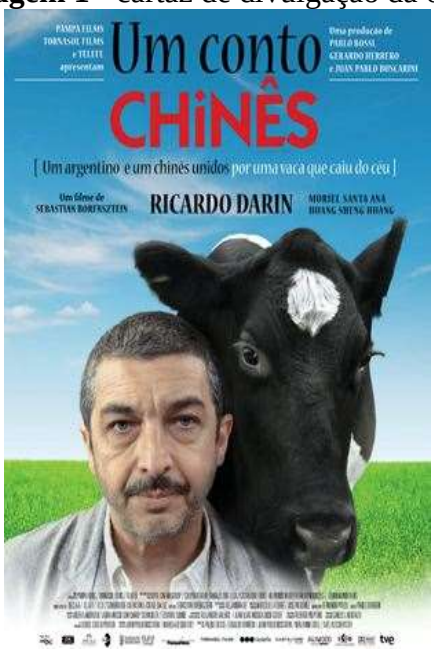
ReDoC Revista Docência e Cibercultura

Encontros cotidianos: os sons do filme "Um conto chinês"

Trazemos para início dessa conversa o filme argentino "Um Conto chinês" que foi *'vistoouvidosentidopensado'* por um dos autores do texto com sua turma de 3º série do Ensino Médio, em uma escola estadual em Duque de Caxias, município do Rio de Janeiro. A esse momento de *'vermosouvirmospensarmossentirmos'* o filme e logo em seguida conversarmos acerca das emoções e seus desdobramentos pessoais ou coletivos, chamamos de *'cineconversa'*. A *'cineconversa'* em torno do filme foi realizada de modo presencial com cerca de 35 estudantes e nos despertou a pensar acerca da importância dos sons, dentre nós na tessitura deste texto.

O filme foi produzido por Sebastián Borensztein é do ano de 2011 e retrata a história de um homem de meia idade mal-humorado e recluso, que aleatoriamente encontra um chinês perdido em Buenos Aires e dá abrigo para que possa encontrar seu tio, cujo endereço estava escrito em seu braço. No clímax de encontro e desencontro surge a premissa principal da obra, de pôr um homem solitário e infeliz diante da necessidade de viver a vida mesmo que forçadamente.

Imagem 1 - cartaz de divulgação da obra



Fonte: https://www.adorocinema.com/filmes/filme-197304/

O filme tem como elemento principal a transformação de um homem solitário e programático, cheio de rotina e manias diante de uma situação que o faria viver a vida sob novos aspectos. Afinal, o chinês não falava uma palavra de espanhol e precisava encontrar o tio que estava na Argentina há alguns anos e Roberto (interpretado por Ricardo Darín) não falava uma palavra em chinês, porém precisava ajudar o "novo amigo". A presença do oriental na casa do argentino

DOI: https://doi.org/10.12957/redoc.2024.77422

muda todas as dinâmicas existentes, colocando Roberto em constante estado de tensão. Pois precisa aprender coisas diferentes para se comunicar com o Jun (Ignacio Huang) - o chinês perdido. Os dois se encontram diante de uma situação inusitada, pois o chinês é arremessado de um táxi sem poder pagar a corrida depois de ter sido roubado. O filme tem uma excelente comunicação com o público, muito bom para se trabalhar com os jovens das escolas pois é de uma linguagem leve e muitas vezes beirando a comicidade.

Logo no início, na primeira cena do filme, um casal está passeando em um rio ou lagoa apaixonadamente quando uma vaca despenca do céu, atingindo a canoa. Uma cena totalmente inesperada e capaz de provocar risos incontroláveis nos estudantes. No final do filme essa cena tem toda uma importância para entendermos a obra, mas preferimos não dar *spoiler* para os leitores. E, que se não tenham assistido ao filme, se sintam aguçados a *'verouvirsentirpensar'* com esta obra cinematográfica.

Imagem 2 - cena em que a vaca cai do céu

Fonte: https://cinema10.com.br/filme/um-conto-chines

DOI: https://doi.org/10.12957/redoc.2024.77422

A escolha do filme se deu em virtude da potência existente para conversarmos acerca das dificuldades vivenciadas por um migrante, ainda mais com a barreira linguística existente, como apresenta a obra, o som e a sua ausência nos diálogos transcorridos no filme são camadas potentes para serem debatidas. O chinês Jun é um migrante que não consegue se comunicar com outras pessoas e por isso enfrenta muitos desafios nessa jornada diante do desconhecido. Muitas cenas tratam de assuntos sérios e relevantes, mas de um modo cômico, como por exemplo, quando Roberto leva Jun para conversar com alguns orientais e se decepciona pois um fala cantonês e o outro fala mandarim, não ajudando a resolver seu problema de comunicação, evidenciando os apagamentos existentes diante da diversidade dos povos orientais, suas línguas, seus hábitos e culturas. A diversidade existente de línguas e etnias tem uma abordagem cativante e impactante, mas deixa um grande potencial para debate.

No filme, muitas cenas são exploradas com comédia, essas diferenças culturais, existente nos modos de ser, se expressar, agir e também nos modos de comer, o que comer e como comer, além das diferenças culturais, que produzem algumas cenas divertidas com mímicas e situações contrapostas diante de cotidianos tão distintos. As emoções das cenas são guiadas de modo imagético pelas diretrizes dos atores, que são um espetáculo à parte no filme, porém as camadas sonoras produzidas em diferentes momentos nos orientam para caminhos que o diretor/produtor buscou ofertar em sua criação. Os sons nos transportam para o caminho da comédia, algumas vezes, até de modo pastelão, mas que coletivamente funcionava para entendermos a potência da obra.

A leveza trazida pela obra permite '*vermosouvirmossentirmospensarmos*' que os migrantes, com todas as suas particularidades, são legítimos Outros (como nos ensinou Maturana) com seus modos de viver e pensar a vida. Os afetos criados, as histórias de vidas vividas, as relações passadas e as presentes, (co)habitam essa atmosfera heterotópica tão pluralizada que simpatizamos com a vida desses estrangeiros. Diante disto, o filme não traz muitos aspectos terríveis na vida dessas pessoas, como a xenofobia e o preconceito a que são submetidos cotidianamente, mas ajuda de maneira sutil a termos empatia pelos processos enfrentados por essas pessoas.

A interpretação dos protagonistas é algo muito especial, pois a química existente entre eles foi muito boa. Praticamente, passam o filme todo sem conseguirem se comunicar verbalmente, apenas com a linguagem corporal e uma relação de afeto crescente que se torna notória no desenrolar do filme. Apesar dos poucos diálogos entre os dois protagonistas, foi possível, através dos efeitos sonoros, nos guiarmos por caminhos tão serenos, imbricados de momentos de felicidade, tensão, drama, riso e muitos outros sentidos possíveis.

DOI: https://doi.org/10.12957/redoc.2024.77422

Imagem 3 - cena em que os protagonistas contracenam na cozinha

Fonte: http://www.memoriacinematografica.com.br/wordpress/2011/09/um-conto-chines/

Tecendo nossa cineconversa com o filme "Um conto Chinês"

A cineconversa foi realizada presencialmente com os estudantes do 3º ano do Ensino Médio do Colégio Estadual Parada Angélica. *'Vemosouvimossentimospensamos'* com o filme na sala Multimídia, um espaço da escola reservado para aulas diferenciadas, que tinha televisão grande e logo em seguida conversávamos acerca dos sentimentos e afetos sentidos do filme. Gravamos as '*cineconversas'* em modo de gravação de um celular pessoal e deixamos as falas fluírem…

Antes de entrar propriamente em nossa '*cineconversa'*, precisamos contar um caso inusitado enquanto assistimos o filme no *'espaçotempo'* escolar. Enquanto colocávamos o filme e regulávamos o som, a diretora veio até a porta e pediu para que um dos autores deste texto fosse à sala dela assinar alguns papéis referente ao ponto. O mesmo pediu um instante e disse que assim que colocasse o filme, iria até sua sala. Após colocar o filme, regular o som e comunicar aos estudantes que iria atender o pedido da direção, solicitou aos estudantes que aguardassem seu retorno em sala, sem sair e ficar passeando pelo colégio. Ao sair da sala, ir à direção e a assinar os papéis, a diretora indagou o que estava fazendo e foi descrito o trabalho e o filme, e ela respondeu que em dias de 'coisas diferentes' na escola os estudantes ficavam mais participativos mesmo que mais agitados. A diretora ainda comentou do silêncio na sala até que ouvimos muitos gritos e risadas, ela disse: - *Aconteceu alguma coisa!* Saímos juntos em direção a sala multimídia. Abrimos a porta e os estudantes se contorciam nas cadeiras de tanto rir… aquelas coisas exageradas e naturais que fazem quando estão em coletivo. Naquele momento, passou pela nossa cabeça que algum daqueles adolescentes tinha feito algo muito divertido para eles estarem daquele jeito e a diretora perguntou: - *O que aconteceu aqui?* Um

DOI: https://doi.org/10.12957/redoc.2024.77422

dos alunos em meio ao riso gritou do meio da sala: - *A vaca caiu do céu!* E aumentaram as gargalhadas, a diretora não entendeu nada! Cenas do cotidiano.

Neste pequeno episódio narrado acima, percebemos a importância do som na formação da identidade coletiva do riso e do aprendizado. Rir alto para mostrar ao outro que também achou aquilo engraçado é comum na idade juvenil. O som dos risos cortou os corredores até nos provocar uma reação também. Assim, percebemos e sinalizamos que os sons são camadas essenciais para formação desses encontros, ditando, muitas vezes, os sentimentos experienciados pelo coletivo.

O restante do filme foi costurado muitas vezes por risadas, sussurros, exclamações… todas provenientes dos acontecimentos *'vistousouvidossentidospensados'*. Reproduzir algo que foi vivenciado dentro de uma sala de aula, é muito difícil, até para os professores pesquisadores cotidianistas, que justamente estão interessados nessas entrelinhas vivenciadas, mas conseguimos perceber e sentir que até nas ausências das falas (quando era feito as mímicas) os sons impactavam os estudantes, pois desta forma eram guiados para alguns sentimentos, de acordo os interesses dos diretores.

Há muitas camadas sonoras nos filmes. Sentidas por quem está *'vendoouvindosentidopensado'* que, quando mergulhados nas cenas, vivencia os momentos guiados pelo som. A relação do som na obra é algo que motiva aos espectadores, os faz refletir acerca do que os personagens vivem, entendemos que as diretrizes e possibilidades das cenas são guiadas, em suma, pelas escolhas dos sons, levando do drama ao riso no trocar de uma melodia, de uma camada secundária na cena.

Quando finalizamos o filme, iniciamos então, o que chamamos no início do artigo da segunda camada do som que nos interessa: as conversas. O falatório provocado quase que involuntariamente é típico nesses encontros, assim que terminam, os estudantes comentam suas primeiras impressões. Essa conversa de modo acelerado demonstra algumas emoções iniciais dos participantes do encontro.

Nesta *'cineconversa'*, assim que começamos a falar, questionamos se os estudantes tinham assistido alguma vez algum filme argentino e a resposta em uníssono foi solene *"Não!"*. Uma estudante complementou dizendo ter sido o primeiro e que talvez nunca mais viesse a ver um filme argentino, porque não estava em seu hábito, mas pensa que isso é uma das funções da escola, promover esses encontros tão diferentes, mas necessários. Comentamos que filmes argentinos são excelentes e uma estudante comentou que tinha costume de ver chinês, japonês, coreano, mas um filme latino americano ainda não tinha assistido. Tinha interesse pela cultura oriental, então acompanhar séries, filmes e bandas musicais era algo comum em sua rotina. Era uma apaixonada por K-pop e todos os seus subgêneros.

DOI: https://doi.org/10.12957/redoc.2024.77422

Alguns estudantes comentaram que não assistiram, mas já tinham visto até passar em canal aberto, como na Rede Globo, por exemplo. Então, em certo momento já tinham despertado o interesse deles, mas mesmo assim, sem motivos, não tinham assistido.

A primeira coisa que chamou atenção dos estudantes foi como um elemento pode ter muitas interpretações, em casos diferentes. Como foi a história da vaca, um estudante relatou que a vaca tinha símbolos diferentes para os dois protagonistas: para o argentino a vaca lembrava uma coisa boa, pois foi através do desenho da vaca que o chinês fez na parede que ele se lembrou da importância da sua amada (a Mari, que ordenhava vaca no campo) e sendo assim, foi atrás dela para continuarem sua ligação/romance. E um significado bem oposto para o chinês, pois a vaca significa a morte/ a perda da sua amada. Então, a simbologia da vaca no filme mostra como sempre as coisas podem ter dois lados.

Uma estudante logo relatou dos hábitos alimentares do chinês que são bem diferentes dos nossos, comentando que um dos personagens do filme comeu formiga, mas que também na China é comum comerem aranhas, escorpiões e outros insetos que para nós são exóticos. Comentamos acerca do choque cultural entre pessoas de culturas e hábitos tão distintos.

A situação da Mari também foi trazida pelos estudantes, que comentaram que não gostaram a personagem ficar "correndo atrás" do Roberto o tempo todo. Uma estudante em contraponto disse que isso não fazia menor problema, ela era "uma mulher decidida, sabia o que queria". Um dos estudantes chegou a questionar se o Roberto era gay, pois não tinha desejo sexual, no qual retruquei perguntando: "ser gay é não ter desejo sexual?" Falando que não tinha problema nenhum uma pessoa ser assexuada, como o Roberto parecia para eles. Uma estudante saiu em defesa do Roberto, dizendo que ele era um cara que tinha sofrido muito e tinha medo de amar, mas que quando precisou ele correu atrás da mulher e da felicidade dele, mostrando que tinha vontade de viver ainda. Mesmo que não parecesse tanto.

Mari voltou a ser tema central da nossa conversa. Um estudante apontou: "Mari, a Maricota, tinha falta de amor próprio, não se valorizava!". Comentei que eu achava a personagem dela muito evoluída, uma mulher do interior, próximo ou além dos seus 40 anos correndo atrás daquilo que sentia e queria. Outra estudante emendou na minha fala, dizendo que ela corria atrás até demais. Provocando alguns risos dos estudantes.

A situação da mulher foi algo muito forte em nossa conversa, porque dentro do que '*vimosouvimossentimospensamos'* a Mari é uma personagem forte, mas que fica à mercê dos sentimentos de um homem, e a meninas daquela idade, buscando sua autoafirmação, não sentiam essa possibilidade como positiva. Para elas, a condição de mulher atual é de não aceitar esse papel. Também foi possível argumentar que isso é uma forma da mulher viver sua plenitude, não só esperar as decisões do homem, mas deixar clara suas vontades e seus sentimentos, para que as coisas não fiquem presas em "joguinhos de sedução".

DOI: https://doi.org/10.12957/redoc.2024.77422

A situação do chinês também foi algo que sensibilizou os estudantes. Eles relataram a dificuldade de estar num país estranho, diante de uma língua desconhecida e hábitos diferentes, mas pensaram que a atuação da Mari junto ao chinês foi de muita importância para facilitar sua nova vida em Buenos Aires. Comentaram, inclusive, que foi a personagem feminina que sensibilizou o Ricardo com a situação difícil do chinês, mesmo depois de tanta adversidade como o assalto e a expulsão do táxi.

Um estudante aponta ainda que achou o chinês muito estranho. Pedimos para que ele desenvolvesse melhor essa ideia do que seria "estranho". Ele então relatou que a língua é muito difícil de compreender, em nada lembra inglês, português e espanhol e o fato das relações deles não serem amistosas. O estudante continuou explicando que quando o argentino foi até o consulado e conversou com eles, o chinês não fez questão alguma de ajudar o seu compatriota que estava naquela situação tão difícil, e ainda exemplificou que se fosse um brasileiro na china na mesma situação, com certeza o brasileiro que falaria a língua dele com clareza, iria até a casa do argentino para entender melhor o que estaria acontecendo. Essa relação da não ajuda e da negação de assistir um compatriota, fez o estudante pensar que os hábitos dos chineses são muito estranhos, diferentes dos nossos que sempre buscamos ajudar, mesmo quem não conhecemos. Um outro estudante comentou que isso é muito relativo, depende do caso e não daria para generalizar dessa forma não. Que ele conhecia muitos brasileiros que não ajudariam a uma pessoa em dificuldade assim.

Outro estudante até questionou se ele trabalhasse numa embaixada em outros país, e todos os dias alguém chegasse pedindo ajuda, se ele todos os dias iria levar essa pessoa em dificuldade para casa? Até comentei o caso dos professores, se todos os dias levássemos nossos estudantes com algum tipo de problema para nossa casa, como seriam nossas vidas? Íamos viver apenas para resolver os problemas dos estudantes…

A cena do miolo do pão, como ilustrativo nessa diferença cultural, também foi lembrada por um estudante. Pois todos os dias o argentino Ricardo, tirava os miolos do pão para comer e o chinês apenas observava isso. Até que um dia, Ricardo chegou em casa e encontrou apenas os miolos do pão, enquanto o chinês pensou estar fazendo um gesto de agrado ao novo amigo. Isso evidenciava as diferenças culturais existentes nos modos de ser. É comum, de certa forma, retirarmos os miolos do pão, mas quando nós fazemos isso é algo natural e não tem conotação prévia, agora o miolo chegar sem a casca, em nossa cultura, não faz sentido.

Um estudante relatou que as diferenças linguísticas são as mais gritantes do filme, pois uma coisa simples como pedir para tomar banho, por exemplo, se torna algo muito complexo. Precisou de mímica, barulho, encenação para que se fosse entendido. Então, a barreira da língua e seus códigos, foi o que mais chamou atenção para a maioria dos estudantes, que perceberam agora como deve ser difícil estar diante destes desafios.

DOI: https://doi.org/10.12957/redoc.2024.77422

Outro fato curioso para os estudantes, foram as histórias apresentadas por Ricardo ao chinês quase no final do filme. Quando os dois sentam à mesa e o argentino pega seu livro de coleção de histórias de jornais antigos e com notícias consideradas bizarras de tão incrédulas. Os estudantes relataram o caso do transplante de coração, cujo paciente morreu no acidente da ambulância depois de ter feito o transplante, o caso do barbeiro que matou um ao outro e os amantes que caíram no penhasco dentro do carro no meio do ato sexual. Ficamos nos indagando se todos eram histórias verídicas ou meramente ficcionais, mas essa resposta eu também não soube dar, mas cogitei assim como a da vaca ter sido real, é bem provável e possível que todas as outras também tenham sido retiradas de notícias reais e tão inacreditáveis como a que iniciou o filme.

A cena dos amantes é retomada por outra estudante, que diz ser uma cena clássica em muitos filmes o "casalzinho dentro do carro fazendo sexo" fazendo ela ver um filme como um reprodutor de outros filmes que tinham visto. Comentei que esses clichês podem ser comuns e podem ter o intuito de nos fazer rir, como aconteceu naquela cena em que todos da sala riram. E estudantes concordaram comigo, e completaram dizendo que muitas vezes o importante era arrancar a risada do público em alguns momentos, e a cena, serviu para isso.

Em meio a nossa cineconversa, um dos estudantes chamado Matheus disse apenas não ter gostado do filme, os outros estudantes brincaram com ele chamando ele de "chato, reclamão" e pediram para ele dizer um motivo, pressionado pela turma ele apenas disse que não gostou, mas que não queria dar informações. Brincando com ele, eu retruquei falando que ele era o primeiro ser humano que eu conhecia não ter gostado do filme. Nós rimos e continuamos nossa conversa. Ele retrucou dizendo "Sempre tem uma primeira vez…" e riu.

A cena em que o chinês imita uma galinha para conseguir falar acerca do ovo foi lembrada neste momento como um dos momentos mais icônicos do filme. Acharam muito engraçado o modo em que os atores fizeram parecer tão natural e divertido.

Um dos estudantes comentou que o que achou legal no filme foi a trajetória do chinês, pois quando saiu da China, não tinha família - era órfão - e tinha acabado de perder sua amada namorada para um acidente trágico, (a vaca caindo no céu em cima da canoa onde estavam os dois), o jovem relembrou que o chinês era artesão e que foi para Buenos Aires encontrar uma família, sendo que era a primeira vez que ele tinha *'vistoouvidosentidopensado'* algo assim, pois geralmente quando se trata de migração as pessoas estão saindo dos seus países em procura de emprego ou por causa da religião ou perseguição política… então, estranhou muito esse fato no filme.

Os outros estudantes acharam a lembrança muito pertinente e comentaram a favor do jovem, pois já tinham visto migração relacionado a muitas coisas, mas não por alguém que está

DOI: https://doi.org/10.12957/redoc.2024.77422

buscando uma família, geralmente os filmes ou as histórias, que tinham conhecimento, giravam ao redor de pessoas que deixam as famílias no país de origem.

Ainda acerca dessas migrações, um estudante questionou a escolha dos parentes do migrante chinês terem ido para Buenos Aires, pois era muito incomum, geralmente as pessoas migram para países desenvolvidos e ricos, como os EUA, por exemplo. De certo modo, argumentou-se que isso era muito complexo, que tem pessoas de todos os lugares, que as redes que circulam com essas pessoas têm variados motivos. Comentei acerca das redes que nos perpassam o tempo inteiro e podem influenciar nas nossas decisões de vida, como as redes de amigos da escola, da igreja, do trabalho, de familiares… como o caso do chinês, que se viu sozinho no país, e foi em busca do único parente que ele acreditava ter naquele momento.

Comentamos ainda da trajetória feita pelo argentino e o chinês ao longo do filme, revisitando o itinerário feito para tentar descobrir o paradeiro do tio. Primeiro, eles vão a embaixada chinesa ter alguma informação, saem lá expulsos praticamente; depois vão ao bairro de comércio chinês onde o argentino pensou que poderia ter alguma informação acerca do tio, talvez identificar algum fio desta rede que ligava os dois países. Os estudantes perceberam que essas pessoas, muitas vezes, buscam ficar próximas umas das outras, formando mesmo uma rede de apoio e ajuda mútua, ficando mais fácil trocarem produtos típicos, informações, num ambiente de uma língua mais familiar, e diversos outros motivos. No fim, dei até o exemplo do bairro da Liberdade na cidade de São Paulo, onde vive a maior colônia de japoneses fora do Japão. De certo modo, essas pessoas se sentem mais seguras e acolhidas umas próximas às outras. Facilitando muitas vezes a comunicação que é uma das maiores barreiras enfrentadas quando se está num lugar tão diferente de onde nasceu.

Um estudante questionou ainda a ação do policial quando tentou prender o chinês aparentemente sem motivo. Comentou que achou a cena bastante agressiva e discordou do modo como o policial tratou o migrante chinês. Inclusive pensou em dizer até que poderia matar o chinês ou bater nele de modo muito agressivo. Comentamos que a polícia em muitos lugares do mundo age de forma muito desonesta, inclusive em nossa realidade brasileira. Lamentamos coletivamente esse perfil que une Brasil e Argentina.

Estávamos finalizando a conversa, quando uma estudante comentou que o mais impactante no filme foi a mudança de perfil do personagem principal, pois ele era um cara muito "bruto" e mal-humorado e com a chegada de uma outra pessoa na vida dele, ele começou a modificar e enxergar a vida de outro modo. "O cara contava até os parafusos que recebia da loja!", completou uma outra estudante. Voltando para a que puxou esse assunto, ela finaliza dizendo que a presença do chinês fez até ele valorizar a mulher que tentava ficar com ele, mas ele não dava chances, pois estava fechando em sua ostra da solidão. Tanto que muitas vezes, o chinês queria agradar ao argentino e ele o ignorava pois não conseguia ir além daquilo que vivia.

DOI: https://doi.org/10.12957/redoc.2024.77422

Uma outra estudante comentou que o Roberto era como se fosse uma mini sociedade, pois no seu íntimo rejeitava o chinês como nós rejeitamos os imigrantes, pois desconhecemos suas histórias, suas lutas, suas culturas e modos de viver a vida. O Roberto era um pouco exemplo da xenofobia contra essa migração, que trazia tantos elementos diferentes aos nossos cotidianos. Comentei que já tinha visto o filme em algumas outras situações e ninguém tinha dito aquilo, o que fez eu pensar para além daquelas cenas cômicas e da situação do chinês… mas que era muito pertinente às analogias feitas por essa estudante, o filme traz um pouco esse universo de migração e sociedade.

Outro estudante comentou ainda acerca da cena em que um freguês da loja do Roberto entra e vê o chinês sentado no final da loja, olha para o argentino e diz: "Legaliza ele!" como se fosse algo completamente mecânico ou análogo ao trabalho servil ou escravo. Foi mais uma questão que no fim da conversa nos deixou reverberando muitos pensamentos. De como pensamos que alguns corpos podem ser domados e transformados em meras mercadorias, aproveitando da situação vivenciada por essas pessoas e retirando todas as suas humanidades. Comentamos acerca de muitos imigrantes no Brasil que vivenciam situações tão absurdas como essas. Falamos acerca de uma reportagem que tinha visto dias antes de uma comunidade de bolivianos que viviam em casa em São Paulo, ganhando dois reais por dia para fazer costuras, mas que diante da sua situação ilegal no Brasil, não podiam sequer sair as ruas, para não serem presos. Seria como, o "Legaliza aí…" falasse diretamente desses corpos que submetemos ao trabalho análogo a escravidão.

As últimas frases gravadas em nossa cineconversa foram de um estudante que comentou que o início do filme tão inesperado (a vaca caindo do céu!) pode render tantas histórias profundas, que assim que ele começou a *'verouvirsentirpensar'* o filme, não imaginou ter tanta história interessante, pois o começo foi um tanto "pastelão". Agradeceram o filme e a cineconversa e pediram para passar outros filmes em outras oportunidades.

Conversas e narrativas: sons entrelaçados, que sintetizam nossos pensamentos

Neste artigo, entendemos os sons presentes em nossos encontros como múltiplas ondas e dimensões diferentes: os sons dos filmes, os das conversas, os das narrativas individuais e muitos outros. No subtítulo anterior, comentamos e descrevemos a importância dos sons dentro dos artefatos curriculares, que neste caso apresentamos o filme. Agora, de certo modo, entendemos que os sons das conversas e das narrativas se entrelaçam o tempo inteiro, mas que precisamos compreender que podem ser percebidos e analisados em camadas diferentes.

As conversas são um conjunto de sons/falas que produzem muitos sentidos, '*fazeressaberes'*, *'conhecimentossignificações'* que são trocados entre os participantes do

DOI: https://doi.org/10.12957/redoc.2024.77422

encontro trazem muita potência e compartilhamento de ideias e referências. Esse conjunto da obra, por si só, já produz muitas criações coletivas. Elencam vivências, sentidos, momentos… são trocas de ideias e pensamentos que de modo coletivo movimentam as formações.

Em uma camada mais específica, as narrativas são as falas individualizadas dos participantes do encontro, que contam suas vivências e experiências, transformando um movimento interior para o exterior, se entregando, experienciando os sentimentos sem medos de julgamentos e avaliações externas. É um momento de entrega. De se abrir ao (im)possível, ao desconhecido.

Os currículos escolares, muitas vezes, são compostos por criações feitas a partir do contato e apropriação dos artefatos culturais, que sempre nos possibilitam conversas e sentidos. Os sons dos artefatos reverberam '*dentrofora*' das redes educativas, nos levando à criação de ideias e sons outros.

REFERÊNCIAS

ALVES, Nilda. **A compreensão de políticas nas pesquisas com os cotidianos: para além dos processos de regulação**. Educ. Soc., Campinas, v. 31, n. 113, p. 1195-1212. Disponível em: Rev113_01OLHO_novo.pmd (scielo.br) acesso em 05 jan. 2024.

CAVALCANTI, Fernanda. MACHADO, Marcelo. TOJA, Noale. O som, as cenas ficcionais e as redes educativas na criação de *'conhecimentossignificações'*.. In: **Currículos e artistagens: Política, Ética e estética para uma Educação Inventiva** / Janete Magalhães Carvalho, Sandra Kretli da Silva, Tânia Mara Zanotti Guerra Frizzera Delboni (organizadoras) - Curitiba: CVR 2022, 404 p. p. 345-360.

CERTEAU, Michel de. **Invenção do cotidiano – as artes de fazer**. Petrópolis/RJ: Vozes, 1994.

DIAS, Sousa. **Lógica do acontecimento – Introdução à filosofia de Deleuze**. Porto: Afrontamento, 1995.

FILME

"Um conto chinês" (traduzido) - Título original: *Um cuento chino*. Direção: Sebastian Borensztein. Colorido